

humanitas

Vol. LI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LI • MCMXCIX



CARLOTA MIRANDA URBANO
Universidade de Coimbra

CANTVS CONVIVALIS¹ NO CANTO I DO
PACIECIDOS LIBRI DVODECIM....
DE BARTOLOMEU PEREIRA SJ (1640)

1 – O *PACIECIDOS LIBRI DUODECIM*

Foi um desafio do Prof. Américo da Costa Ramalho – que desde logo acolhi com entusiasmo mas não sem algum temor – que esteve na origem deste pequeníssimo trabalho que aqui apresento. Por seu intermédio, o Prof. Amadeu Torres cedeu-me gentilmente em separata artigos da sua autoria que recordam a epopeia em que se insere este *cantus conuiuialis*. A *Paciecidos libri duodecim...* merece, no dizer do humanista, um “estudo exaustivo”², pois lamentavelmente o seu valor literário é ainda desconhecido entre nós e dele há fortes indícios que uma primeira leitura nos fornece claramente. Como afirma o Prof. Amadeu Torres, neste poema narrativo “se revelam uma imaginação riquíssima e uma erudição abeberadas em fontes latinas e gregas...”³. Acresce ainda a elegância dos seus versos que fazem dele uma leitura leve e entusiasmante.

Não obstante, depois dos comentários apensos à sua primeira edição em Coimbra no ano de 1640, caiu o silêncio sobre esta obra, que teve uma segunda edição em Génova no ano de 1750, até que no século passado

¹ As três edições da epopeia registam este uso do adjectivo menos frequente que *conuiuialis*, mas que FORCELLINI regista no *Lexicon Totius Latinitatis*, MCMXXXX.

² TORRES, Amadeu, “A Arquidiocese de Braga e a Expansão da Fé: Nos 350 anos da *“Paciecidos Libri XII”*”, scp. de Homenagem à Arquidiocese Primaz nos 900 anos da Dedicção da Catedral, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1993, pp 243-252. Cfr. p 252.

³ *idem* cfr. p 252.

Guichon de Grandpont ⁴ publicou em 1887 nova edição com versão francesa. Esta edição, que o Prof. Amadeu Torres apresenta em trabalho publicado na *Humanitas* ⁵, incluiu já uma apreciação da obra no prefácio do tradutor, claramente positiva, embora anote alguns ‘defeitos’ – como a repetição de termos próximos, pleonasmos etc...

O estudo desta epopeia está pois por fazer, bem como o da epopeia novilatina em Portugal, trabalho para o qual este pequeno artigo pode ser um modestíssimo contributo, talvez um primeiro passo.

2 – BARTOLOMEU PEREIRA

Sobre a vida e o génio poético de Bartolomeu Pereira não temos muitas informações mas a consulta dos catálogos da Companhia permite-nos, pelo menos, desenhar o seu percurso, não sem que restem algumas dúvidas que um estudo mais apurado poderá, eventualmente, esclarecer.

Nascido em Monção em 1597, entrou no Noviciado da Companhia de Jesus em Coimbra no ano de 1613, e não 1603 como informou Pedro Ribadeneira ⁶. Realmente, Bartolomeu Pereira não consta no Catálogo trienal de 1603 dos Noviciados de Coimbra, nem Lisboa nem Évora, mas sim no Catálogo trienal feito em Janeiro de 1614, onde o seu nome aparece na lista de *Irmãos noviços do Colégio de Coimbra*. Reza o Catálogo: “*Bartolomeu Pereira, villa de Monção, Arcebispado de Braga de 16 e meio, boas forças, II meses de C^a, estudava Rhetorica qd. entrou*”⁷. Muito provavelmente pois, o jovem Bartolomeu Pereira estudaria em algum Colégio da Companhia, antes de nela dar entrada. Em Coimbra, portanto, continua os seus estudos como informam os catálogos de 1619 (*estuda Latim e Artes*), 1622 (*instruiu um ano Latim, começa a ouvir Theologia*), 1625 (*ouvei 4 anos artes, leu latim, ouve o 2^o de Theologia*). Em 1628, recebeu já as ordens e em 1633 é referido como mestre de artes no mesmo Colégio de Coimbra.

⁴ GRANDPONT, Guichont. *La Pacieide* Épopée en douze livres en l’honneur du très illustre Père François Pacheco, portugais de Ponte de Lima (...) par Barthélemy Pereira, S.J. (...) Paris, 1887.

⁵ TORRES, Amadeu, “A *Pacieidos libri XII* e a sua versão francesa de 1887” *Humanitas*, XLVII (1995) 861-870.

⁶ RIBADENEIRA, Pedro, *Bibliotheca Societatis Iesu. Opus inchoatum a P. Ribadeneira, continuatum a R. Philippo Alegambe usque ad annum 1642. Recognitum et productum ad annum Iubilaei MDCLXXV a Nathaele Sotvello*, Romae, MDCLXXVI. Cfr. p 197.

⁷ Tais Catálogos encontram-se no *Arquiuum Romanum Societatis Iesu* (ARSI) com a cota LUS. 44 I-II Cat. Trien. Cfr. vol. II f.315.

No Catálogo seguinte, porém, Bartolomeu Pereira não aparece nos colégios mas como superior da Residência de Sanfins⁸, que pode bem ter sido o local que lhe foi designado para a terceira provação, espécie de segundo noviciado que precede a admissão aos quatro votos. Com efeito, foi nesse mesmo ano de 1636 que fez os votos finais, no dia 15 de Agosto⁹.

Logo em 1639 surge de novo no Colégio de Coimbra como mestre de Sagrada Escritura. Em 1642 e em 1645 continua em Coimbra, mas não é feito qualquer reparo às suas funções. No Catálogo seguinte de 1649, porém, Bartolomeu Pereira já não se encontra em Coimbra mas no Colégio de S. Paulo em Braga, onde assume as funções de mestre de Artes e Reitor. São as últimas notícias dos catálogos a respeito de Bartolomeu Pereira que morreria em Coimbra no ano seguinte no dia 29 de Novembro¹⁰, e não a 18 daquele mês como informa Barbosa Machado¹¹. Sobre circunstâncias da sua morte nada sabemos, nem o que faria em Coimbra à altura. Teria já deixado o reitorado de Braga? Em Setembro de 1649, era ainda reitor daquele Colégio, como se pode observar na acta da Congregação provincial reunida na Casa de São Roque em Lisboa¹².

De qualquer modo, o autor do *Paciecidos* nunca viu o Japão. Nasceu e morreu sem sair de Portugal. Os seus campos de missão não foram os gentios mas o ensino e os colégios, de onde saíram inúmeros apóstolos.

Se as informações do Catálogo de 1622 referem na altura as suas *poucas forças*, todas as outras atestam a sua saúde. Não foi, portanto a sua fragilidade que o prendeu ao solo pátrio, mas talvez, o seu perfil dado ao cultivo das humanidades e ao ensino: “(sic) *ingenium optimum, iudic. et prud. bona exper. sufficiens bonus in litteris; (...) ad omnia ministeria*

⁸ Cfr. LUS Cat. trien. 44 I p 541. “E hoje he superior da Resid. de S. fins”. O Colégio da Companhia de Jesus em Coimbra tinha propriedades em Sanfins (do Concelho de Valença). D. João III doara à Companhia, precisamente para a fundação daquele colégio, um antigo mosteiro despovoado. Cfr. ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA.

⁹ Como informa o Catálogo dos admitidos aos votos finais. Cfr. no ARSI AD Grad. Adm. Vol. 6.

¹⁰ Cfr. HS (Hist. Soci.) 48 18 r. Lusit. ou *Defuncti Secundi Saeculi* vol. IV Catálogo mais recentemente elaborado pelo ARSI.

¹¹ Cfr. MACHADO, Diogo Barbosa, *Bibliotheca Lusitana Historica, Critica e Cronologica*, Lisboa, 1747. Cfr. I, p p 472-473.

¹² Já na Acta da Congregação Provincial de Abril, Bartolomeu Pereira, *Rector Bracharensis*, é designado sócio do secretário eleito, Bartolomeu da Silva, e aparece em Setembro logo após o nome do Provincial: “*Acta Cong. Prov. Lus. Prov. Ulissipone celebrata in domo professa D. Rochi a die 20 Septembris ann. 1649 Sub P. Petro da Rocha Praeposito Prouinciali P. Bartolomeu Pereira Rector Bracharensis.*” Cfr. ARSI Congr. Vol. 72.

bonum”¹³. Foi decerto, também, o seu talento oratório que, por ocasião da canonização da Rainha Santa Isabel em 1625, lhe mereceu discursar nas celebrações da Universidade e da Cidade¹⁴. O ensino e a palavra foram, então, o seu principal ministério.

Como escreveu Bartolomeu Pereira um poema de tal envergadura, cujo tema foi a vida de missão e o martírio que os seus irmãos experimentaram tão longe?

Como é sabido, dois mundos e duas culturas tão distantes como a Europa e o Japão, viveram naquela época momentos de intensa comunicação. Necessariamente, pelo menos quando aceitou a empresa desta epopeia, o nosso autor ouviu e leu, com atenta curiosidade e decerto com devoção, as numerosas cartas¹⁵, largamente divulgadas, que os seus irmãos do Japão escreviam para as residências e colégios de Portugal. Essas leituras, bem como a de numerosos relatos de martírios de jesuítas naquelas terras constituíram fontes indispensáveis para a realização de uma obra tão vigorosa..

3 – CANTUS CONUIUALIS

Phaebe Thyesteos hinc iam obliiscere casus, 490
 Atque; olim auersos stellata ad fraena iugales
 Iunge iterum, mensasque animo depone cruentas;
 Te uocat haec: placida hinc inter conuiuia fratres
 Tercentum aspicias, queis unum est pectus, et unus
 Corde amor, atque animis late pax aurea regnat. 495
 Tuque etiam flammis, uastoque erepta profundo

¹³ In *Catalogus 2º* LUS 44 II Cat. trien. p 40 v. nº 455.

¹⁴ Cf. RODRIGUES SJ, Francisco, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, III, 1 p. 241. O texto, *In Apotheosi Sanctissimae Elisabethae Lusitaniae Reginae Oratio Encomiastica*, saiu impresso no opúsculo *Sanctissimae Reginae Elisabethae Poeticum certamen dedicat et consecrat Academia Conimbricensis, iussu illustrissimi D. Francisci de Brito de Menezes à consiliis Catholicae Majestatis et eiusdem Academiae Rectoris*. Coimbra, 1626.

A actividade oratória de Bartolomeu Pereira foi ainda comentada, como informa TORRES, “A Arquidiocese...” op. cit. p 247, em recente tese de doutoramento de João MARQUES, *A parenética portuguesa e a Restauração*, obra que infelizmente ainda não tivemos oportunidade de consultar.

¹⁵ Sobre essas cartas, sua divulgação e valor documental e literário veja-se: CASTRO, Aníbal Pinto, “As cartas dos Jesuítas do Japão, documento de um encontro de culturas” *Actas Humanismo Português na época dos descobrimentos* – Congresso Internacional (1991), Coimbra 1993, pp 173-183.

Gens superum mensis, epulisque accumbere digna,
 Has ne temne dapes, non hic tibi pocula Circes
 Effera, non Prognēs timeas hic fata, Lyaeas
 Non Lapithum rixas, Pelopaeaque damna, nec ensem 500
 Districtum, et Siculi minitantem in colla tyranni.
 Nullae hic insidiae, nostrum lux unica, nulla
 Fraus, ubi regnat amor; ille haec dat fercula, condit
 Ille dapes, spargitque sales, miscetque sapes.
 Regifici cedant luxus, quibus inclyta Dido, 505
 Post patriae cineres, incensaue Pergama¹⁶, et undas
 Troianum dapibus regem, sociosque fugatos
 Exceptit, diuesque; ostro regina locauit.
 vosque etiam paterae insignes, uos cedite mensae,
 Queis olim Alcinous deiectos aequore Graios, 510
 Ductoremque Ithacum, magna inter tecta uocatos
 Expleuit, cunctosque dapum monstaruit honores.
 Maior in hac mensa decor est, nam fuluus iaspis
 Si desit, nulloque abacus ditescit in auro,
 Si niueum non iactat ebur, nec gemmea lucent 515
 Fulchra thoris, si Bachus abest, uictusque laborant
 Exigui, pelagusque negat, montesque, polusque
 Has ornare dapes, inopemque inuisere mensam,
 Vos illam o socii, uestra haec praesentia ditem,
 Caesareamque sacramque facit, dapibusque beatos 520
 Ambrosiae inspirat succos, et nectaris haustus.
 Ergo agite, et moestas animo depellite curas;
 Namque Deus meliora dabit, facilesque per aequor
 Iaponum ad populos, placatique otia regni
 Concedet redivit. Quod si sese ostia claudant 525
 Cuncta maris, duretque ferox in caede tyrannus,
 Sedes¹⁷ quam incolitis, uestra est: nolite grauari.

¹⁶ **pergama** nas edições de 1640 e de 1750.

¹⁷ **sedem** na edição de 1640, corrigido à mão sobre rasura para **sedes** na de 1750, e **sedes** na de 1887.

TRADUÇÃO

De ora avante, Apolo ¹⁸, esquece os horrores de Tiestes ¹⁹,
 e os carros outrora desviados, atrela-os de novo aos cavalos celestes.
 Afasta o teu coração de banquetes cruentos,
 que este outro banquete te convida:
 Verás então a esta tranquila mesa trezentos irmãos,
 um só sentir, uma só alma;
 em seus corações imensa, formosa paz reina.
 E tu, estirpe arrebatada às chamas e ao abismo do mar,
 digna de tomar parte nas mesas e banquetes divinos,
 não desprezes esta ceia. Aqui, os maliciosos venenos de Circe
 não recearás, nem as desditas de Procne ²⁰;
 aqui não encontrarás as báquicas lutas dos Lápitais ²¹, nem os
 destroços de Pélops ²²,
 ou, do tirano de Siracusa ²³, o ferro ameaçador apontado à garganta.

¹⁸ Note-se a invocação a Apolo, como se fosse dado o início a um Péan, hino em honra de Apolo, que muitas vezes enriquecia o banquete do mundo clássico.

¹⁹ O seu irmão Atreu deu-lhe a comer os seus próprios filhos como vingança da traição de Tiestes que se tornara amante da sua cunhada. Depois da refeição, Atreu mostrou ao irmão os membros e as cabeças dos filhos. Perante tal horror, o Sol desviou os seus carros. Outra versão diz que o próprio Zeus mandou que os astros mudassem o seu curso para iluminar este crime.

²⁰ Também ela deu de comer o seu filho ao marido. Este, Tereu, apaixonado pela irmã de Procne, Filomela, violou-a e cortou-lhe a língua para que não o pudesse dizer a ninguém. Filomela porém, contou a sua desgraça à irmã através de um bordado. Procne, para se vingar congeminou aquele castigo hediondo para o filho.

²¹ Povo da Tessália conhecido, entre outros episódios mitológicos, pela luta com os centauros. Estes foram convidados para a festa do casamento do chefe daquele povo, Piríto, e rapidamente se embriagaram, pois não estavam habituados a beber vinho. Um deles tentou violar a noiva, Hipodamia, o que desencadeou uma luta que resultou em massacre para ambas as partes, com a vitória dos Lápitais. Seriam pois, mais os centauros que os Lápitais a merecer esta associação do poeta às “*báquicas lutas*”.

²² O célebre filho de Tântalo que este desmembrou e serviu aos deuses como refeição. O seu corpo porém, foi reconstituído pelas divindades que, tendo reconhecido carne humana não o chegaram a comer, excepto a precipitada Deméter que inadvertidamente ainda comeu um ombro.

²³ Aqui não é a mitologia que serve de inspiração ao poeta mas o famoso episódio da espada de Dâmocles que Cícero narra nas *Tusculanas* (5.61-62). Quando um adúlador de Dioniso, tirano de Siracusa, mencionou a majestade do senhor, a sua riqueza, a magnificência do seu palácio e a sua felicidade inigualável, aquele propôs-lhe experimentar a sua *felicidade*. Mandou então que o instalassem num leito riquíssimo, rodeado dos aparadores mais luxuosos com as iguarias mais requintadas e que o servissem. Depois, suspendeu sobre a cabeça de Dâmocles uma espada pronta a feri-lo. Perante a suspensão desta morte iminente, Dâmocles perdeu o interesse por todas aquelas manifestações de riqueza, e já não queria ser rico.

Aqui não há maldade – apenas a nossa luz singular; não há traição onde reina o amor: É ele que nos serve as iguarias, é ele que nos congrega à mesa, que tempera e dá sabor. Cedam os magníficos faustos e os banquetes com que a ilustre Dido²⁴ recebeu o príncipe troiano e os seus ...
companheiros
que deixavam as cinzas da pátria, da Tróia incendiada. Depois da viagem pelos mares, a sumptuosa rainha os recebeu com
a púrpura.

E vós, cedei também, célebres taças e mesas, com que outrora Alcínoo saciou, nos seus jardins, os gregos fatigados e o seu Ítaco general, e, convocando-os ao seu magnífico palácio, lhes mostrou toda a nobreza das suas iguarias. Nesta mesa, há maior glória. Se lhe falta o fulvo jaspe, se o ouro não adorna os aparadores nem ostenta níveo marfim, se nos leitos não brilham, como pedras preciosas, as suas almofadas, se Baco dela está ausente, se parcas são as iguarias se os mares, os montes e os céus se escusam adornar esta refeição e visitar sua pobre mesa, sois vós, ó companheiros, é a vossa presença que a torna régia e sagrada, que inspira nesta ceia doce essência de ambrósia e tragos de néctar. Vamos, afastai os tristes cuidados do vosso coração! Deus vos dará melhor sorte e vos concederá, pelos mares do Japão, regresso a um povo amistoso e à tranquilidade de um reino favorável. E, se todos juntos, os portos de mar se fecharem e o cruel tirano perseverar no massacre, é vosso o lugar que ora habitais²⁵, não temais.

4 – O CANTO I – ECOS DE HOMERO E DE VIRGÍLIO

No final do Canto primeiro da *Paciecidos* este canto convivial encerra a narrativa, (em analepse), dos antecedentes e do penoso e forçado abandono do Japão²⁶ por parte dos missionários jesuítas daquela província, os quais encarnam na obra a figura épica do exilado errante em busca de auxílio.

²⁴ Íncrita rainha de Cartago onde aportou Eneias depois de atribulada viagem forçada pelo êxodo de Tróia. Dido recebeu Eneias no palácio com fausto e requinte.

²⁵ Curiosa ressonância das palavras de Dido ao exilado Eneias: “*urbem quam statuo, uestra est (...)*” Cfr. I, 573.

²⁶ O êxito inicial da evangelização nipónica cedo se converteu em duras perseguições e martírios dos cristãos. Temendo que à conversão religiosa se seguisse o domínio político, os

Seguindo os preceitos convencionais da epopeia, depois da proposição do tema – o martírio de Francisco Pacheco²⁷ – da invocação do *Divino Amor*, e da dedicatória ao Papa Urbano VIII, Bartolomeu Pereira dá início à narrativa *in medias res*: No alto mar, evocando a epopeia virgiliana que, aparentemente, constitui o modelo mais seguido pelo autor, os heróis do poema, expulsos do Japão e votados ao exílio²⁸, buscam em Macau o apoio dos seus irmãos da Companhia, lutando contra fortes tempestades e contra a fragilidade da velha e provada embarcação em que seguem. Se Virgílio parece ser realmente o modelo mais seguido, não podemos deixar de ver neste quadro Ulisses e os seus companheiros.

Decorridos três vezes sete dias²⁹, avistam finalmente terras de Macau, mas não há lugar para alegria nem exaltação nestes exilados que ao avistar a China são levados a recordar com a visão das suas torres e os seus templos, as terras que deixaram para trás e os povos que abandonaram. Não há gritos de alegria nem salvas de canhão. Apenas a tristeza e um silêncio profundo.

Os habitantes de Macau, por seu lado, ao avistar a embarcação que se aproxima acorrem à sua chegada – crianças, jovens e velhos. Também a família inaciana vem ao seu encontro e quer saber porque choram os seus companheiros; porque é que todos deixaram o Japão? de que notícia terrível

poderes do Japão recorrem à expulsão dos missionários e à sua perseguição. Veja-se sobre esta matéria, o Prefácio, tradução do Latim e comentário do Prof. Américo da Costa RAMALHO ao *Diálogo sobre a missão dos embaixadores japoneses à Cúria romana* de Duarte de Sande SJ (1590), Macau, 1997.

²⁷ O depois Beato Francisco Pacheco, missionário jesuíta natural de Ponte de Lima foi martirizado em Nagasaki no dia 20 de Junho de 1626. Deu entrada na Companhia em 1585. Em 1592, feito o noviciado e o curso de Artes, foi mandado para a Índia onde ensinou Humanidades e iniciou os seus estudos de Teologia que viria a concluir em Macau. Aí, entre 1600-1604, ensinou Teologia. Viveu depois no Japão, entre 1604 e 1608, tendo regressado a Macau onde assumiu o cargo de reitor do Colégio. Em 1612 voltou para o Japão onde esteve até ao exílio em Macau, em Novembro de 1614. No ano seguinte conseguiu regressar clandestinamente àquelas terras e foi nomeado seu provincial em 1621. A sua prisão em Dezembro de 1625 conduziu-o ao martírio. Vide MONVMENTA HISTORICA SOCIETATIS IESV – MONVMENTA IAPONIAE I (VOL. 111) Textus Catalogorum Iaponiae...Proposuit SCHUTTE, Joseph Franz, Romae, 1975.

²⁸ Sobre o exílio como tema na literatura clássica e renascentista escreveu já, entre outros trabalhos, ANDRÉ, Carlos Ascenso *Um Judeu no desterro – Diogo Pires e a memória de Portugal*, Coimbra, 1992.

²⁹ Realmente a viagem não demorou vinte e um dias, como o atestam as fontes. O navio deixou o porto provavelmente no dia 6 de Novembro (Cfr. MONVMENTA op. cit. p 574 citação de carta de João Rodrigues Girão de 22 de Dezembro de 1614 – J.16 II 87 v) e chegou a Macau a 18 ou 19 do mesmo mês (Cfr. *ibidem* p 575, citando carta de J Rodrigues Girão de Macau, 25 de Fevereiro de 1615 – J.16 II 164).

são portadores? Depois de entrar na casa da Companhia, a custo e entre lágrimas, Pacheco arranca a narrativa da expulsão.

Começa aqui a analepse de 336 versos que remonta à decisão do Cubôsama³⁰ de expulsar os missionários de todas as ordens religiosas e de proibir o culto cristão.

O principal opositor do herói, neste poema, não é uma divindade, mas um chefe temporal que se enraivece com o abandono dos templos e dos deuses locais, o que resulta no descrédito dos bonzos (seus sacerdotes) e na desobediência às leis dos príncipes japoneses³¹.

Preocupado com a sua cristandade, o bispo D. Luís Cerqueira³² pede conselho ao P. Francisco Pacheco. Este, em tom profético, recomenda a proclamação de tempos de penitência e sacrifício, e o envio de uma embaixada ao rei. Devem abrir-se os templos e cumular os seus altares de dons, fazer jejuns e cobrir os cabelos de cinza.

A embaixada é também um motivo recorrente na epopeia clássica. Recorde-se a embaixada que, no Canto IX da *Ilíada* Agamémnon manda a Aquiles com sumptuosos presentes, mas que não demove a inflexibilidade do herói; ou ainda a embaixada dos Latinos a Eneias.

Sete missionários escolhidos pela sua eloquência, sabedoria e aspecto grave, constituem a embaixada enviada com riquíssimos presentes ao Cubôsama mas o tirano, na sua inflexibilidade, inspirado pela figura divina da *Durities* que lhe aparece durante o sono, reafirma a sua determinação. O sonho é também motivo recorrente na epopeia clássica usado, em parte, para antecipar a acção, servindo frequentemente como via de comunicação entre o plano divino e a esfera da acção humana³³. Deste modo, sem contacto directo entre o divino e o humano, a divindade conduz a acção.

³⁰ Designação japonesa de alta dignidade (*kubo*-título; *-sama* sufixo honorífico). O título 'kubô', como informa Luís Frois, foi inicialmente título reservado para o imperador, vindo, mais tarde a alargar-se o seu uso a cargos importantes. Cfr. FROIS, Luis, *Historia de Japam*, V, p 531. A esta altura, o Cubo é um entre os vários cargos de alta dignidade que entre si se distinguem apenas pelas funções de governo ou administração. Cfr. RAMALHO, *Diálogo...*op. cit. p 93.

³¹ Cfr.vv 90-109.

³² Português natural do Alvito, era também jesuíta, e bispo do Japão desde 1592 ou 94, mas só em 1598 conseguiu chegar a Nagasaquí. Foi famoso o zelo com que exerceu a sua missão de pastor na qual teve por "companheiro" o P. Francisco Pacheco como consta no CATÁLOGO DOS PADRES E IRMÃOS DA COMPANHIA DA PROVÍNCIA DE JAPÃO, FEITO EM FEVEREIRO DE 1613, in MONUMENTA op. cit. p 553. É perfeitamente verosímil, pois, esta consulta do Bispo ao herói da epopeia.

³³ Por exemplo, o sonho de Eneias em que Anquises, cumprindo ordens de Júpiter, diz ao filho que o visite nos Infernos para lhe dar a conhecer a grandeza da sua missão (*Eneida*

Figura criada pelo autor, a *Durities*, mais do que simples alegoria da intransigência e severidade do Cubôsama, tem o estatuto de um deus greco-romano que durante o sono visita o rei, o avisa da embaixada dos portugueses e o instiga a não se deixar mover pelo espírito da clemência³⁴.

Seguem-se depois as desditas para os missionários jesuítas. Morre D. Luís Cerqueira, que não resiste a momentos tão difíceis. Depois dos funerais do Bispo, são executadas as ordens do tirano Cubôsama. As igrejas são profanadas e incendiadas e numerosos fiéis são mortos³⁵.

Francisco Pacheco e os seus companheiros são obrigados a dirigir-se ao porto de Facunda e a embarcar, perdendo no caminho o padre Diogo Mesquita³⁶ que morre vencido pela idade, a fraqueza e o cansaço. Chegados ao porto, embarcam e é em grande pranto que vêm afastar-se o Japão, qual Tróia incendiada, largando grossas colunas de fumo. A própria natureza os acompanha no seu lamento.

Entregues à Providência Divina na fragilidade das suas embarcações, os companheiros de Francisco Pacheco lutam contra tempestades terríveis. Como Ulisses que no meio da tempestade teme a morte no mar e o destino incerto do seu corpo que ficaria insepulto e lamentou não ter tido morte gloriosa na Guerra de Tróia como os seus companheiros³⁷, também os heróis desta epopeia chegam a desejar ter morrido pelo martírio às mãos do Cubôsama.

Não é uma divindade que desencadeia os ventos tempestuosos mas é um favor divino que faz chegar a Macau os nossos heróis, tal como na Eneida, é por intervenção divina que termina a tempestade e Eneias e os seus companheiros desembarcam no Norte de África.

V, 719-745); ou o sonho de Nausícaa que proporcionará depois o encontro com Ulisses (*Odisseia*, VI, 2-40); ou ainda o sonho de Aquiles em que Pátroclo pede ao amigo que lhe dê prestes a sepultura (*Ilíada*, XXIII, 62-76).

³⁴ Cfr. vv240-262.

³⁵ No poema, o exílio dos jesuítas segue-se de imediato à morte do bispo, o que confere à acção da epopeia intensidade dramática. Na realidade, D. Luís morreu a 16 de Fevereiro de 1614, e só em Novembro desse ano é que os heróis do poema deixam o Japão. Cfr. MONVMENTA op. cit. p 553 e 572. Habilmente, Bartolomeu Pereira, transforma a realidade para construir a obra literária.

³⁶ Facto comprovado pelo CATÁLOGO DAS INFORMAÇÕES COMMUAS DOS PADRES E IRMÃOS DE JAPÃO EM NOVENBRO DO ANNO DE 1614 (composto entre Fevereiro /Março de 1615 no Japão) in MONVMENTA...op. cit. Cfr. p 596 :”P. Diogo de Mesquita, faleceo no mez de Novembro, antes de partirem os navios. Del trabajo y no dexarle curar los gentiles.”

³⁷ Cfr. *Odisseia*, V, vv356-364.

Concluída a narrativa, o Padre João Rodrigues Girão³⁸, o mais eloquente dos companheiros, rompe o silêncio com palavras de confiança na Grande Providência Divina. No entanto, anuncia que também o Japão terá os seus mártires nos altares, aludindo profeticamente ao martírio do herói da epopeia e dos seus companheiros. O seu discurso sobre a onipotência divina – que trará aos perseguidos a paz, pois tudo pode – toca de perto, por antítese, um motivo frequente nos coros trágicos dos antigos e nos seus sacerdotes: a vertiginosa mudança da boa em má sorte. À adversidade, diz, sucede a boa sorte, ao inverno a primavera, à nuvem o sol³⁹ ...mas de imediato recorda que o bom agricultor não poupa aos campos o fogo, para ter melhor colheita. Evoca, então, alguns dos grandes mártires cristãos que, com o seu sangue, aumentaram a Igreja. Também o Japão terá mártires nos seus altares⁴⁰.

A estas palavras proféticas segue-se a preparação de uma ceia em comum. Uns preparam a comida, outros a mesa, à medida que a noite avança, outros dissipam as trevas acendendo as candeias, preparam-se os leitões e águas perfumadas para os pés dos hóspedes. Se faltasse o abrigo, os irmãos de Macau, nos seus corações acolheriam os companheiros vindos do Japão: *“Hospitium, sub corde darent, si tecta deessent”*⁴¹.

Como pode observar-se, o fio condutor da acção do Canto I do *Pacificados* oferece claros paralelos com a acção das epopeias clássicas, modelos literários do humanismo, e os próprios processos narrativos empregues são fiéis às convenções literárias do género épico.

³⁸ As suas cartas constituem uma das fontes mais relevantes para o estudo deste período da História do Japão. Após 28 anos de permanência no Japão, João Rodrigues Girão é também ele um exilado em Macau, em Novembro de 1614, e não em 1610, como afirma COOPER, Michael, na introdução à tradução da sua obra. Cfr. GIRÃO, João Rodrigues, *This island of Japon*, trad. Michael Cooper, Tokyo-New York, 1973, p. 14. João Rodrigues Girão consta com o número 29 no catálogo do Japão de 1614 acima referido, MHSI Vol 111 p. 583 e também p. 598. “P. João Rodrigues Girão, Portuguez, da villa de Alcochete, arcebispo de Lisboa, de idade de 56 annos, e da Companhia 38, de boas forças. Estudou o curso de Artes e hum anno e meio de theologia. Foi oito annos secretario do P. Viceprovincial. Sabe bem a língua de Japão e prega nella. Foi feito Coadjutor Spiritual formado o anno de 1599.”

³⁹ *“Saepe etiam aduersis succedere prospera, uernum / Post hiemem tempus, solem post nubila, pulsa / Nocte diem radiare, sequi post bella triumphum.”* I 457-9.

⁴⁰ *“Quin etiam steriles prodesse incendere campos, / Vt uotum superent messes cultoris auari, / Ditiior et flauos Cereris terat area culmos: / Sic Graios seruasse fidem: constare cruore / Romulidae caementa urbis: Petrique penates / Ossa super, caesosque artus consurgere diuum: / Non aliter tantum ditari altaria sacris / Reliquiis: Stephanum saxis crepitantibus, igni / Laurentum, gladio Saulum, pharetraeque Sebastum / Deberi: superesse suas Japonibus aras.”* I, 462-471.

⁴¹ Cfr. I v 484.

Para além do recurso aos processos convencionais do início da narrativa *in medias res*, bem como da analepse ou mesmo da prolepse, se assim considerarmos a profecia de Girão, já referida, encontramos ainda os *similes* que interrompem “o vulgar discurso objectivo” para instaurar um “mini-discurso paralelo com funções de esclarecimento e quase sempre de particular sentido estético”⁴².

No Canto I do *Paciecidos* encontramos dois belos *similes* para melhor caracterizar o espírito colérico do Cubôsama. Na falta de expressão para a sua crueldade, só a comparação com fenómenos naturais devastadores, como os fortes turbilhões do vento Noto⁴³, ou com a impassibilidade do Cáucaso⁴⁴ (cfr. vv307-312), permite ao poeta caracterizar mais expressivamente o Cubôsama, afastando-o assim da esfera humana.

5 – COMENTÁRIO AO CANTUS CONUIUALIS

O tema da hospitalidade, tão relevante na epopeia homérica e recorrente na *Eneida*, é aqui retomado. Recorde-se o acolhimento de Telémaco no palácio de Menelau⁴⁵, o de Ulisses na Ilha dos Feaces⁴⁶, ou o de Eneas em Cartago⁴⁷, para não ser exaustiva. Ao tema da hospitalidade associa-se frequentemente o do banquete, como o demonstram os episódios acima referidos. Acresce ainda que é também durante o banquete nos palácios de Alcínoo que o aedo canta os heróis da guerra de Tróia⁴⁸ e que Ulisses narra as suas aventuras no mar⁴⁹. É no banquete em Cartago que Eneas (em analepse) conta, a pedido da rainha Dido, a destruição da sua cidade e a

⁴² Assim designa os *similes* o Prof. Sebastião Tavares de PINHO no seu estudo “Comparações homéricas no Poema *De Gestis Mendi de Saa* de José de Anchieta” *Humanitas* Vol. L (1998) Tomo II, pp721-732. Cfr.p721-2.

⁴³ “*His super accensum pectus crudele tyranni/ Infrendet: seu cuncta Notus cum turbine uasto/ Rapturus, per prata rosas, segetesque per agros/ disturbat; uolat inde nemus; furor alta domorum/ Tecta rapit, pelagique imas euoleuit arenas,/ Inque uadum allidit naues, inque arua uolantes/ Praecipitat uolucres, coeloque immurmurat alto./ Non aliter desaeuit hiems, Regisque superbi/ Tempestas (...)*” (I, 110-118).

⁴⁴ “*Haec inter tacitus perstat Cubosama cateruis/ Bonzororum accintus; tigres seu Caucasus horrens/ Mille inter pardosque, atque agmina saeua luporum,/ Stat surdus, temnitque imbres aurasque sonantes/ Incassum, et tota saxorum mole resistit*” (I, 306-310).

⁴⁵ Cfr. *Odisseia*, IV, 20-64.

⁴⁶ Cfr. *idem* VII, 133-184.

⁴⁷ Cfr. *Eneida*, I, 520-578.

⁴⁸ Cfr. *Odisseia*, VII, 72-82.

⁴⁹ Narrativa que ocupa os cantos IX a XII da *Odisseia*.

viagem até Cartago⁵⁰ tal como o faz Francisco Pacheco aos irmãos de Macau, que o acolhem, a respeito da ruína da missão cristã no Japão.

É depois desta narrativa em clima de conforto humano e espiritual gerado pela hospitalidade⁵¹ que um poeta, qual aedo dos poemas homéricos, se ergue e entoia o canto convívial como quem reza antes da refeição.

Logo depois de invocar a Virgem Mãe como Musa para a inspiração do canto (*Te, Virgo Parens, Musa inclyta...*) o poeta dirige-se em apóstrofe a Febo Apolo, convida-o a esquecer os banquetes sanguinolentos de Tiestes e a contemplar a tranquilidade da mesa que reúne estes convivas. Só depois se dirige à *Gens* inaciana, seu auditório.

Em 38 versos abundantes de referências clássicas, o poeta da circunstância exalta os sentimentos de paz e de fraternidade que unem os filhos da Companhia de Jesus a uma humilde refeição, de todo distante dos faustosos banquetes de famosas figuras clássicas, como Ulisses no palácio de Alcínoo ou Eneias no de Dido, e distante também dos sanguinolentos banquetes das míticas figuras de Tiestes, de Procne e de Tântalo.

Na mundividência clássica o banquete é mais do que a simples ocasião da refeição ou mesmo de festividade. Ele constitui uma manifestação social e cultural dos seus participantes sendo, por isso, reflexo da sua identidade. No banquete de um grupo de ‘gramáticos’, ou mesmo de uma pacata família que disponha de um pedagogo para os seus filhos, será necessariamente de esperar uma conversa de tema filosófico, ou pelo menos a declamação de poesia, e frequentemente o canto, a música e mesmo a dança. Nesta ocasião, o tema do canto podia ir desde o convite à bebida e a reflexão filosófica sobre a mesma bebida, até ao hino religioso – mas sempre com uma dimensão ritual.

Se na Literatura clássica, o motivo do banquete é recorrente⁵², como sabemos, e na epopeia ele acompanha o tópico da hospitalidade sendo pretexto para o canto do aedo, no poema de Bartolomeu Pereira, sem desprezo da sua filiação na epopeia clássica, ele acaba por ser transfigurado pela mundividência cristã do autor e do próprio tema da sua epopeia.

Na verdade, este *cantus conuivalis* (como é designado à margem nas três edições do *Paciecidos*) não é um convite à bebida mas antes um louvor da união fraterna, dos laços de caridade que unem estes jesuítas entre si e,

⁵⁰ Narrativa que ocupa os cantos II e III da *Eneida*.

⁵¹ Esta hospitalidade porém, tem mais um fundamento ético – o da caridade cristã.

⁵² Em torno da ocasião do banquete desenvolve-se uma literatura de simpósio, na lírica arcaica, por exemplo, mas também a literatura filosófica usou recorrentemente o tema do banquete quer para cenário quer para motivo das suas reflexões, sobretudo nos diálogos.

mais fortemente ainda, que os une ao princípio e razão de ser dessa união: a filiação no Pai com Jesus Cristo. Neste banquete é o próprio amor que reúne os convivas, é o amor que prepara as iguarias, que dá sabor e que tempera, (vv503-4) numa evidente alegoria da Refeição, por excelência, do mundo cristão: a Última Ceia.

Nesta ceia em que institui a sua Igreja, o próprio Jesus é o alimento. O seu gesto é antecipação e sacramento da Redenção do Homem pelo sacrifício do Filho de Deus através da sua morte e ressurreição. A longa ‘despedida’ de Jesus que ocupa os capítulos 13 a 17 do Evangelho segundo S. João é, na verdade, a fundação da sua comunidade, cuja união reside exclusivamente no laço pessoal de cada membro com Jesus, e por Ele, com o Pai⁵³. É essa *philadelphia*⁵⁴ formulada em S. João como um apelo à unidade, ao amor mútuo, que o mestre de Sagrada Escritura canta pela voz do aedo e que tem por fundamento o amor que o próprio Jesus Cristo nutre pelos seus. Este amor é, no texto, quem congrega os convivas e lhes prepara a refeição.

“Aqui não há maldade, apenas a nossa luz singular, não há traição onde reina o amor: É ele que nos serve as iguarias, é ele que nos congrega à mesa, que tempera, que dá sabor”
(vv 502-504)

Recorrentemente descrito como ambiente de paz, de tranquilidade e luz⁵⁵, o ambiente desta refeição tem as suas raízes na união dos irmãos, e esta, por sua vez no amor que os reúne. É ela mesma que confere a este banquete um estatuto de refeição sagrada:

“(…)sois vós, ó companheiros,
é a vossa presença que a torna régia e sagrada,
que inspira nesta ceia doce essência de ambrósia e tragos de néctar.”
(vv519-521)

Pobre de iguarias, desprovida de vinho bem como de nobre baixela e de luxuoso conforto, esta mesa tem, no entanto, grande riqueza. É essa a mensagem fundamental deste canto com que o aedo procura animar o espírito cansado dos companheiros de Francisco Pacheco, exortando-os a uma esperança fundamentada na união fraterna.

O tema do amor *caritas*, tema tão caro aos humanistas, é então o tópico axial desta composição, mas a sua exaltação transcende o apreço que

⁵³ Cfr. Jo,17, 21 “para que sejam todos um, como tu, Pai, o és em mim, e eu em ti, para que também eles sejam um em nós...”.

⁵⁴ Uma das recomendações fundamentais do catecismo primitivo, reconstituível pelo estudo dos textos mais antigos do Novo Testamento. Vd. LÉON-DUFOUR SJ, Xavier, *Lecture de l'Évangile selon Jean*, tome III, (chapitres 13-17) Paris, 1993, sobretudo pp. 291-308.

⁵⁵ Cfr. vv 493-495; v 502.

já na epopeia clássica fora dado à amizade⁵⁶. Este sentimento de *Caritas* é algo mais do que sentimento humano, é o próprio Deus a confirmar as relações de fraternidade dos *Companheiros de Jesus*. Por essa razão, a composição aproxima-se de um hino religioso que exalta o amor divino.⁵⁷

Deste modo, as abundantes referências clássicas a deuses, a mitos e a heróis estão ao serviço daquela mensagem fundamental. Para além disso, enriquecem a composição, quer pelo valor referencial do mundo antigo em que esteticamente o poeta se pretende filiar, quer pelo resultado de contraste que oferecem. Elas constituem *exempla* de banquetes, uns faustosos, outros cruéis, outros ainda marcados pela discórdia (*Non Lappithum rixas*), ou pela angústia da suspensão de um anátema (*nec enseme/Districtum, et Siculi minitantiem in colla tyranni*). Todas contrastam com esta ceia transbordante de paz e tranquilidade (*animis late pax aurea regnat*).

Tal elenco de referências não é enumeração gratuita de tópicos clássicos, elas servem de ornamento ao estilo elevado que convém à epopeia e, pela sua natureza mitológica e valor estético da tradição literária que carregam, emprestam às personagens do poema o estatuto superior de heróis, figuras de um mundo fantástico, possível pela poesia. Longe de constituírem uma galeria de paradigmas do passado que, desenterrados, fariam do poema uma ‘reconstituição’ da epopeia clássica, estas figuras têm uma existência própria no universo da epopeia.

Este *cantus conuiuialis*, graças, quer aos tópicos já referidos, quer à própria leveza e equilíbrio dos seus versos ornados pelo *enjambement*⁵⁸, pela aliteração⁵⁹, pela anáfora⁶⁰, encerra com intenso sabor clássico o Canto I que, na sua globalidade, se encontra também ele entrelaçado de paralelismos com as epopeias de Homero e de Virgílio.

O *Cantus conuiuialis*, e de igual modo no seu todo, o Canto I desta epopeia oferece-nos uma forte razão para o interesse do estudo de todo o poema, pois pela amostra se sugere uma viagem deslumbrante por mais um valioso documento do humanismo português do séc. XVII, século cuja produção literária tem vindo a ser, por vezes, injustamente esquecida.

⁵⁶ Recorde-se a amizade de Aquiles e Pátroclo ou o apreço de Ulisses e de Eneias pelos companheiros.

⁵⁷ Veja-se a este propósito SOARES, Nair de Nazaré Castro, “O tema do Amor na tragédia humanista: Amor Sagrado e Amor Profano” in *Miscelânea de Estudos em honra do Prof. A. Costa Ramalho*, Coimbra, 1992, pp 179-197.

⁵⁸ Cfr. p. ex. vv 500-501, ou 502-503.

⁵⁹ Cfr. p. ex. v 502.

⁶⁰ Cfr. p. ex. 514-515.